



NUNO CAMARINHO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

O SABER EM TEMPOS DE CÓLERA

O público exige dos cientistas que sejam oráculos ou milagreiros, coisas que não são nem querem ser. A ciência precisa de errar e de aprender com os erros, estará a sociedade disposta a esperar?

Quem, de entre os leitores mais ou menos militantes ou compulsivos, não imaginou algum dia a circunstância? Talvez uma pequena pena de prisão, um ameaço de apocalipse, um qualquer confinamento que, de um dia para o outro, nos desse o tempo desejado ou idealizado para lermos, livremente, os livros que esperam por nós?

A ilusão durou pouco, o tempo menos livre do que imaginara, entre reuniões, aulas para preparar, refeições, limpezas, e as muitas tarefas que a vida exige e vai cobrando. Os noticiários não ajudavam, cheios de sobressaltos, alertas, especulações e outras artimanhas experimentadas para chamar a atenção. Durante o primeiro mês quase não peguei num livro, embora os transportasse de divisão para divisão e me deitasse com dois ou três empilhados na mesinha de cabeceira.

Graças a alguns compromissos profissionais e também à má consciência que vinha acumulando, arreepei caminho e adentrei-me em alguns volumes que iam ganhando pó sobre as capas e ressentimentos mais do que justificados. Soube, entretanto, que diferentes sociedades estabeleceram diferentes relações com a leitura durante a pandemia. Aqui, em Portugal, as vendas baixaram a níveis inauditos, sem livrarias, sem muitas alternativas nem hábitos digitais consolidados. Já em Inglaterra, os livros competiram com as conservas e o papel higiénico. E levanta-se a questão, o que podem ensinar-nos os livros em momentos como estes?

Muito ou nada. Vejamos... Há um certo conforto na conformidade, mas também alguma surpresa. Nada do

que vivemos é inaudito, basta ler *A Peste* de Camus, ou o *Diário da Peste de Londres* de Daniel Defoe, havemos de encontrar o mesmo medo dos estrangeiros, a desconfiança, a minorização da ameaça logo suprida pela paranoia, o pânico e a euforia, tudo o que é humano se repete, sempre diferente, sempre igual.

E a ciência, qual o papel da ciência? Justamente os media vão questionando: O que sabemos, o que podemos saber? Como resolver este problema? A ciência foi avançando com algumas ideias, hipóteses e sugestões, mas o seu tempo, por mais que se tenha acelerado nas últimas décadas, não é o do telejornal diário. O vírus é novo, há que perceber como atua, como se transmite e de que forma interage com os nossos organismos. As estratégias de combate são variadas: fármacos, comportamentos, vacinas, equipamentos de proteção. O público exige dos cientistas que sejam oráculos ou milagreiros, coisas que não são nem querem ser. A ciência precisa de errar e de aprender com os erros, estará a sociedade disposta a esperar? Entretanto abundam os vendedores de banha da cobra, oferecendo sumos de frutos exóticos, soluções mágicas e medicamentos que se mostraram eficazes noutras patologias.

No século XXI as epidemias são vistas como anomalias, uma disrupção das nossas vidas intensas e focadas que deve ser resolvida o mais rapidamente possível. Também eu desejo que o problema se resolva, mas, enquanto não o fizermos, vou aproveitando para ler, de manhã literatura e à tarde artigos científicos.